

Híbrido

Do mito ao paradigma invasor?

Claudia Madeira

HÍBRIDO

DO MITO AO PARADIGMA INVASOR?



LISBOA, 2010

© Claudia Madeira, 2010

Claudia Madeira

Híbrido. Do mito ao paradigma invasor?

Primeira edição: Novembro de 2010

Tiragem: 500 exemplares

ISBN: 978-989-96783-X-X

Depósito legal:

Composição (em caracteres Palatino, corpo 10)

Concepção gráfica: Editora Mundos Sociais

Composição: Lina Cardoso

Capa: Nuno Fonseca

Revisão de texto: Gonçalo Praça e Helena Soares

Impressão e acabamentos: Publidisa, Espanha

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa

Tel.: (+351) 217 903 077

Fax: (+351) 217 940 0742

E-mail: editora.cies@iscte.pt

Índice

Introdução.....	1
Entre a palavra e a coisa.....	7
O que quer dizer “híbrido”?	9
Híbrido e/ou monstro?.....	10
Híbrido e/ou mestiço?	35
Híbrido e/ou heterogéneo?.....	40
O hibridismo nas dinâmicas sociais.....	45
Entre as sementes e os frutos — ou poderá uma macro-análise ser igual a uma micro-análise?	45
E quando os frutos ultrapassam a promessa das flores?	47
Cultivando o híbrido.....	56
Efeitos da polinização no híbrido	62
Novos frutos — Identidades Híbridas	71
Semear e Colher — os ciclos e as estações do híbrido.....	85
Políticas para os territórios, paisagens, processos, objectos — coisas do híbrido	90
Conclusão.....	95
Bibliografia.....	101

Índice de quadros

1.1 As características do “Homem-Elefante” versus a “Criatura de Frankenstein”	25
2.1 Variedades de Híbridismo	51
2.2 Entendimentos sobre a cultura.....	59
2.3 Relações Culturais	60
2.4 Tipo de Globalização.....	61
2.5 Argumentos a favor e contra o Híbridismo	68

Introdução

Na tentativa de tentar nomear alguns objectos, práticas e processos da nossa contemporaneidade, apenas a palavra híbrido parece servir para dar algum referente à experiência. O híbrido invade os nossos quotidianos. Hoje, podemos não só ter carros híbridos, usar champôs dois-em-um, comer iogurtes *combie*, consumir obras de arte híbridas, que misturam as tendências globais “com um cheirinho a terra”, como ter ou adoptar identidades hifenizadas, transculturais, transexuais. E mesmo quando não temos, não usamos, não comemos, não queremos ou não podemos ter, consumir ou ser nada disto, o híbrido não deixa de enquadrar a nossa experiência através de um hibridismo estrutural latente. Há, efectivamente, cada vez menos tempos e espaços fora do híbrido, e isto é independente da mobilidade e acessibilidade efectiva de cada um. É a *hybris* (em contínua luta com *nemésis*) que move as nossas “tragédias” contemporâneas.¹ Mas que significados encerra a palavra híbrido? *Hybris* — o termo grego — remete para uma trama de ligações cujo denominador comum é a mistura de coisas de ordens distintas, da qual resulta algo excessivo (ou, no seu inverso, algo em falta). Nessa trama, destaca-se a ligação com o termo “monstro”, presente desde a mitologia grega até à ciência moderna, passando pela geografia, história e religião. Nessa sua origem genealógica comum, destacam-se uma série de seres fabulosos, verdadeiros

1 Na mitologia e tragédia gregas, *nemésis* representa a força encarregada de manter a ordem e abater todo o excesso e desmesura da *hybris*.

compósitos de uma natureza mista, como os grifos, os centauros ou mesmo o Minotauro e a Esfinge. Esta relação faz reflectir, como num espelho, os seus elementos comuns de irregularidade e de estranheza: qualquer deles representa o resultado da mistura de coisas/objectos/práticas de ordem diferente; qualquer deles não se integra em categorias como “puro”, “fixo” ou “classificável”, senão nas suas categorias híbridas e/ou monstruosas. Assim, se na etimologia originária de híbrido está a palavra grega *hybris* (nome que foi também atribuído à deusa que representa o exagero e a insolência), da etimologia de monstro retira-se o sentido de *monstrum*, que vai invocar um “efeito de exibição”, de mostrar, que emerge da relação com o fenómeno excepcional; e *monestrum*, que significa “advertir, prevenir, anunciar”.

Mas a história do monstro — a taratologia — é também importante para a análise do *híbrido*, porque implica, exactamente, um processo de procura dos instrumentos mais adequados para a análise e explicação do fenómeno, que possibilita ver para além da fascinação que ele provoca e permitirá a compreensão, explicação, classificação e, portanto, integração na ordem das coisas. Este processo histórico longo, de articulação entre os termos híbrido e monstro, que passa pela cada vez maior mediação da ciência ao longo dos séculos (deixando para trás mitologias, superstições e crenças religiosas), indicia, portanto, que um primeiro passo para a integração do anómalo, e portanto do híbrido, se traduz na sua naturalização e banalização, o que parece estar a acontecer actualmente com o universo do híbrido de modo geral.

É possível estabelecer ainda outras ligações entre os termos híbrido e mestiço e, também, entre híbrido e heterogéneo. Da primeira relação resultaram as controvérsias nas ciências sociais sobre que termo melhor dará conta do fenómeno das misturas: “hibridismo” ou “mestiçagem”. Estas controvérsias dividiram, por exemplo, Laplantine e Nous (2001, 2002) — que defendem o termo “mestiçagem” — e Young (1995), Canclini (2001), Pieterse (1995, 2001, 2004) e Hall (2004 *in* Papastergiadis, 2005: 56), entre outros, onde se contam até os “antropólogos experimentais”, como se auto-denominam os artistas *chicanos* Guillermo Gomes-Peña e Roberto Sifuentes —, que defendem o termo “hibridismo”. Para entender estas controvérsias, vale a pena analisar as suas correspondentes

nas ciências exactas. Chegámos assim a Buffon, que, no século XVIII e durante o seu percurso de vida, tendo começado por defender o termo “mestiçagem”, acabou por preterir o termo em favor de “hibridismo”, abrindo caminho para as teorias darwinistas e mendelianas, que estabelecem toda uma nova relação entre híbrido e heterogéneo. Centrando-se essencialmente na diferenciação pela capacidade ou não de reprodução dos objectos de cruzamento, Buffon começou por distinguir os dois tipos, caracterizando os “híbridos” como o resultado do cruzamento de duas espécies distintas, que dariam origem a uma “mula”, termo que descreveria os cruzamentos infecundos, enquanto os “mestiços” traduziriam o cruzamento entre duas raças ou variedades, caracterizando-se pela fecundidade. Mas esta divisão argumentativa também não permaneceu nas “ciências da vida”. O próprio Buffon refutou a tese em 1764, quando, continuando os seus estudos empíricos, constatou que nem todas as “mulas” eram afectadas pela esterilidade. Isadore Geoffroy Saint-Hilaire, em 1860, discutindo exactamente os mesmos termos, desenvolveu até uma caracterização em que lhes subtraiu, por um lado, a distinção da capacidade de reprodução e, por outro lado, concomitantemente, clarificou que o termo “mula”, a ser aplicado enquanto sinónimo de esterilidade, serviria tanto para caracterizar os seres de origem mista como todos os seres infecundos, mesmo os que não tinham essa origem. Estes dois investigadores vieram pois clarificar que é perdendo a sua significação taxonómica que os termos “mula” e “mestiço” se podem generalizar e caber no sinónimo de “híbrido”.

A partir daqui, a questão que se coloca é a de perceber como se desenvolve a “reprodução do híbrido”, tendo em conta a sua natureza heterogénea. Chega-se, então, ao “organismo-mosaico” e à possibilidade de existência de diferentes tipos de híbridos. Um híbrido pode, deste modo, resultar de um processo de cruzamento entre indivíduos, diferindo deles por um par de caracteres — mono-híbrido — ou por dois ou mais pares de caracteres — bi-híbrido, tri-híbrido, poli-híbrido —, e ainda, pertencer a espécies (tipos, etc.) de géneros diferentes, a espécies do mesmo género, a subespécies ou a variedades da mesma espécie, ganhando conforme o caso a designação de híbrido intergenérico, interespecífico, intersubespecífico ou intervarietal.

Passamos depois para o hibridismo na sociedade contemporânea, onde se analisa desde o “hibridismo estrutural”, entendido como globalização, até às questões da identidade individual, nomeadamente de género. No caso do “hibridismo estrutural” (Pieterse, 2001), colocam-se as questões de uma globalização não enquanto processo de homogeneização, mas como processo de diversificação através das misturas. Esta diversificação tem, porém, os seus limites, nomeadamente, por ser afectada pelas relações de dominação, que na relação entre global e local fazem emergir a valorização das origens. Na esfera artística, por exemplo, esta valorização chega a originar uma ansiedade fetiche pelo estranho, pelo “monstro”, no sentido da exotização, pois os novos contextos mantêm ainda uma lógica de mercado tradicional, apesar do campeonato de experimentação, colagem criativa e identidades múltiplas. Ou seja, às mesmas rotinas globais misturaram-se (ou somam-se sem grande reflexividade) “novas convenções” de hibridez e diferença (como criticam Papastergiadis, 2003; Mosquera, 2003; e Hutnyk, 2000).

Nesta perspectiva do “hibridismo estrutural” destacam-se dois processos: um promulga que o híbrido faz parte da história longa, não havendo história sem híbrido; outro, não contraditório, contempla diferentes “ciclos de hibridação” (Stross *in* Canclini, 2001: 15). Neste caso, pensa-se em ciclos alternando entre formas mais heterogéneas e outras mais homogéneas, que de novo darão lugar a outras relativamente mais heterogéneas. O que conduz, portanto, a um contínuo de hibridações de diferentes graus, em função da posição de onde emana o processo de mistura face aos seus centros e periferias canónicos.

Este “hibridismo estrutural” repercute-se a nível das identidades pessoais. Afecta o quotidiano de cada indivíduo, tornando menos rígidos os dualismos e as hierarquias constituídas: desde as dinâmicas sociais e individuais, com o aumento potencial das migrações, da mobilidade social e da multiplicação de papéis sociais (por vezes, até contraditórios), até ao esboroamento possível de dualismos considerados intransponíveis, como os de natureza/cultura, colocados por exemplo nas problemáticas dos (trans)géneros sexuais. Ou seja, as identidades contemporâneas ganham as mesmas características do híbrido: são multidimensionais, fragmentárias, relativas, performativas, em *devir*.

Em qualquer dos casos, a metáfora desta nova condição híbrida é a da água (Game, 1999), o estado líquido (Bauman, 2001: 69) nas suas variantes — nuvens, mar, rio, fluxos e flutuações —, por contraponto à terra (Welsch, 1999), menos fluida.

A intensidade destas hibridações coloca-se, hoje, num dos seus limites, num imaginário de desejos e aspirações sem fim, que já não se deixa fixar pelas tradições; coloca-se, num outro limite, ao nível das políticas de identidade, jogando-se a cada momento as questões do conflito, mas, também, da negociação e da tradução.

Neste ensaio, testa-se a hipótese de problematizar o híbrido meramente como conceito de difícil apreensão, oscilando entre uma negatividade estéril e uma positividade fértil, ou como novo paradigma. A “invasão” pelo híbrido dos nossos quotidianos heteróclitos contemporâneos, que aproxima quase da nossa realidade os imaginários da enciclopédia chinesa de Borges e dos quadros de Bosch, leva a que, independentemente da sua compreensibilidade, o híbrido se apresente hoje como novo paradigma invasor. Esta condição não tem, contudo, que remeter necessariamente para um paradigma de ruptura. Pode ser traduzida apenas na saturação de misturas, num processo de amplificação e intensificação: num ciclo onde o híbrido é parte constituinte e parte que nos constitui.

